

# As posições dos credores

por Claudia de Souza  
de São Paulo

Se dependesse dos banco comerciais, o Brasil volta-ria a obedecer os termos do acordo firmado com a comunidade financeira internacional em 1988. Ontem, o vice-presidente da Bankers Trust Company, do Bankers Trust New York Corporation, defendeu o argumen-to de que o novo plano econômico do presidente Fernando Collor de Mello, ao estabelecer que este ano sairão somente US\$ 5 bi-lhões em remessas de ser-viço de dívida, ignora o que ele vê como necessidade de obter credibilidade e con-fiança junto à comunidade financeira internacional para que o País restabele-

ça o fluxo de capital exter-nó de que necesita, não dos bancos — que ele admite não estarem — disponíveis para emprestar “dinheiro novo” — mas para os in-vestidores internacionais.

A visão de outros parti-cipantes dos debates de on-tem no Centro de Conven-ções Rebouças em São Paulo, também observado-res atentos da volta do Bra-sil ao cenário de renegocia-ção da dívida externa, liga-dos à administração norte-americana, é bem diver-sa.

As companhias multina-cionais com negócios no Brasil têm interesses dia-metralmente opostos da-queles que defendem o pa-gamento pelo Brasil dos ju-ros atrasados aos bancos

comerciais, por se tratar de recursos da economia brasileira que compram bens que elas exportam ao Brasil e irrigam o mercado interno a que suas subsidiá-rias se dirigem, argumen-tou ontem a este jornal Lee Price, um ex-lobbista que trabalha hoje na comissão econômica do Congresso norte-americano.

Ele lembra também que, no âmbito das preocupa-ções do Congresso, o tom agressivo que porventura seja usado pelos bancos co-merciais não encontrará ressonância. Os congres-sistas não estão mais pre-ocupados, embora isso te-nha ocorrido alguns anos atrás, com a estabilidade financeira dos bancos en-volvidos em financiamen-

tos aos países não desen-volvidos. “Alguns demo-cratas são, na verdade e populisticamente, contra os bancos”, ele diz.

A administração norte-americana estaria favore-cendo, a seu ver, a retórica democrata, na atual admi-nistração. “Eles reconhe-cem que a carga para pa-gamento de serviço da dívi-da sobre esses países foi excessiva”, afirmou Price ontem a este jornal. Ele lembra também que os congressistas respondem a seus eleitores e a questão como um todo não toma a atenção, a não ser talvez o que envolve a Polônia. Quanto ao Tesouro norte-americano, “ele já foi tão longe quanto o Brasil preci-sa”, ele argumenta.